

A PERSPECTIVA CIENTÍFICA DA LITERATURA DE VIAGEM DO SÉCULO XIX: AUGUSTE DE SAINT-HILAIRE

THE SCIENTIFIC PERSPECTIVE OF THE LITERATURE OF TRIP OF THE CENTURY XIX: AUGUSTE DE SAINT-HILAIRE

Isadora Eckardt (Unicamp)

Resumo: Neste trabalho analisarei o livro *Viagem Pelas Províncias Do Rio De Janeiro e Minas Gerais*, de Auguste de Saint-Hilaire. Conforme os referenciais teóricos utilizados, os relatos dos viajantes do século XIX seguiam duas correntes distintas: eram de cunho objetivo, com conteúdo científico, ou de cunho subjetivo, contendo impressões pessoais dos viajantes. O relato de Saint-Hilaire se enquadra na corrente científica/objetiva, dado que o autor dá preferência a longas passagens descritivas sobre elementos da natureza. Em uma narrativa predominantemente impessoal, o autor apaga a presença humana do relato e até mesmo o próprio narrador, que raramente fala em suas emoções.

Palavras-chave: viagem; ciência; literatura

Abstract: This report intends to analyze the book *Viagem Pelas Províncias Do Rio De Janeiro e Minas Gerais*, by Auguste de Saint-Hilaire. According to the essays I based my analysis on, the reports of the travelers during the nineteenth century followed two distinct patterns: they were either objective, presenting scientific content, or subjective, presenting the narrator's personal impressions. Saint-Hilaire's report is considered objective, because this author uses rather passages containing long descriptions emphasizing landscape and nature. Besides, his text is predominantly impersonal, since the human presence disappears almost completely throughout the narrative.

Keywords: travel; science; literature

Introdução

Entre os séculos XVIII e XIX, com tantos exploradores dispostos a desbravar os recantos ainda desconhecidos do mundo, o Brasil se tornou uma terra muito visada pelos viajantes, pois além de ser em grande parte ainda desconhecida de todos, era uma terra considerada fonte de muitas riquezas e recursos naturais, o que incitava a curiosidade e interesse das potências européias.

Em consequência da abertura dos portos em 1808, ficou muito mais fácil para os estrangeiros entrarem no Brasil, o que, entre outras coisas, serviu de impulso aos viajantes estrangeiros para que viessem explorar nosso país, fossem eles naturalistas ou não. Passou-se então a uma onda de estrangeiros visitando nosso país a fim de descobrir suas riquezas naturais, no caso dos cientistas, ou a fim de simplesmente conhecer esta nova terra que ainda se descortinava aos olhos da Europa. Por isso existem muito mais relatos de viagem sobre o Brasil no século XIX do que em qualquer outra época de sua história.

Neste ensaio, especificamente, pretende-se analisar o livro *Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*, do naturalista francês Auguste de Saint-Hilaire. A grande oportunidade de desbravar lugares remotos e pouco conhecidos para um europeu deu-se quando Saint-Hilaire, então um respeitado professor do Museu de História Natural de Paris, soube da partida da missão do conde de Luxemburgo para o Brasil em 1816. Saint-Hilaire se integrou à comitiva deste conde francês, e aqui no Brasil permaneceu até o ano de 1822.

Vindo de uma Europa na qual as florestas já tinham dado lugar à lavoura, e onde já havia muitas áreas urbanizadas, Saint-Hilaire se espantou com a presença da natureza bruta quase que esmagando o homem. As imensas extensões de mata ainda intocada, a incrível quantidade de plantas, flores e animais de inúmeras espécies, formando um todo que se estendia a perder de vista, era algo que praticamente ultrapassava o entendimento humano e impressionava por sua imponência. Ele impressionou-se também com as potencialidades de nosso país, dada a grande presença de recursos naturais: “A paisagem que se apresenta aos olhos do viajante quando este entra na Comarca do Rio das Mortes às margens do Paraíba, tem algo que impressiona por um misto de desordem e regularidade selvagem.” (Saint-Hilaire 2000: 47)

Tendo o Rio de Janeiro como sua base e ponto de partida, Saint-Hilaire realizou em seis anos de atividade um fantástico mapeamento das condições e costumes das províncias do centro e do centro-sul do Brasil. *Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*, foi apenas um dentre os vários relatos que Saint-Hilaire produziu para dar conta dos anos que passou no Brasil.

Para referencial teórico se tomarão os ensaios *Os olhos do império*, de Mary Louise Pratt, e *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*, de Flora Süssekind, pelo fato de ambas as autoras utilizarem a divisão entre corrente científica e corrente subjetiva para classificar os relatos de viagem do século XIX, traçando assim as características específicas do gênero científico dos livros dos viajantes.

Considerações Teóricas

Por volta do século XV, o advento das grandes navegações provocou muitas mudanças no mundo ao possibilitar a descoberta de novas terras, o que alteraria radicalmente a consciência planetária. Era preciso então se situar novamente, pois se havia uma nova maneira de se conceber a terra, o mar e até mesmo o céu, onde estaria o homem afinal? E ao mesmo tempo em que surgiu um grande sentimento de insegurança ante tantas novidades, surgiu também um instinto aventureiro de homens ávidos por mais descobertas, como atesta Willi Bolle em *Fisiognomia da metrópole moderna*. De acordo com este autor, observando-se a pintura “Melancolia I” do pintor Albrecht Dürer, de 1514, se pode notar a influência de muitas novidades no mundo, concluindo que nesta obra de arte

A época representada é, por excelência, uma época de viagens: a descoberta do Mundo Novo, juntamente com um desenvolvimento extraordinário da cartografia e uma inquietude radical de situar-se em

relação à terra, ao mar e ao céu. Nasce uma nova consciência da humanidade. Sem as garantias de um mundo regido e protegido por Deus, o homem, mais exposto e mais vulnerável, mas também mais ousado e aventureiro, parte para inauditas viagens de descobrimentos. (Bolte 2000: 360)

Movidos pela curiosidade de querer descobrir novas terras, desbravar novos horizontes e de, conseqüentemente, dominar estas novas terras, entre os séculos XV e XVI os europeus empreenderam grandes jornadas em busca das terras do mundo ainda desconhecidas; estas grandes jornadas são conhecidas como "As grandes navegações".

Até então, todo o conhecimento dos geógrafos era baseado na leitura de filósofos gregos, de geógrafos alexandrinos, de navegadores e legionários da Roma imperial, de eruditos muçulmanos e judeus, missionários franciscanos na China e mercadores genoveses e venezianos medievais. Mas com o advento das grandes navegações, as informações que se tinha sobre geografia e cartografia foram bastante enriquecidas e, portanto, em meados do século XVIII, já se havia cartografado praticamente todo o contorno dos continentes. (Ziebel 2002: 22) Era preciso descobrir o que havia no interior destas novas terras, e foi assim que se passou da exploração marítima para a exploração continental.

Com tantas terras novas e, pelo menos segundo uma visão eurocêntrica, sem donos, as potências européias passaram a querer, mais do que nunca, dominar a maior extensão possível destes territórios para aumentar seu poder e suas riquezas através da dominação e exploração destas. E uma das melhores maneiras de se apoderar destas terras era tentar conhecê-las o máximo possível. Então, neste momento, consolidou-se

(...) a inauguração de uma nova etapa territorial do capitalismo, marcada pela busca de matérias primas, a tentativa de se expandir o comércio costeiro para o interior e os imperativos nacionais de se apoderar de territórios ultramarinos, assim evitando que outras potências européias os ocupem. (Pratt 1999: 35)

Surgiam assim vários viajantes dispostos a empreender estas explorações continentais e destas viagens resultaram diversos relatos. A Literatura de Viagem do século XVIII e também do século XIX foi muito influenciada por este afã conquistador e por um fato em especial: a publicação da obra *O sistema da natureza*, de Carl Linné em 1735. Este naturalista propôs nesta obra um sistema descritivo designado para classificar todas as plantas existentes na Terra, já conhecidas ou ainda desconhecidas dos europeus, de acordo com as características de suas partes reprodutivas.

O objetivo de Carl Linné de listar e classificar o maior número de plantas possível e a Revolução Industrial, que também estava se desenvolvendo cada vez mais nesta mesma época, com a mecanização dos sistemas de produção e o surgimento da produção em série, refletiriam um esforço do homem para "organizar" o mundo. Organizar e padronizar os processos de produção nas fábricas, ou seja, implementar a produção em série, listar e classificar lugares, plantas e animais, cartografar o planeta

da maneira mais exata possível com a produção de mapas melhores e mais detalhados são alguns exemplos deste “impulso classificatório” que pode ser percebido também na obra de Carl Linné. Esta discussão está em *Os olhos do império*:

(...) Lindroth observa “notáveis semelhanças entre a forma propugnada nos escritos (lineanos) e os princípios que emergiam na manufatura.” Padronização e produção em série, por exemplo, já haviam deixado sua marca na produção, notavelmente na feitura de peças sobressalentes para armas de fogo. Outras analogias advêm da organização militar, a qual, exatamente por essa época começou a padronizar uniformes, manobras, disciplina, e assim por diante. (Pratt 1999: 73)

Dadas todas estas circunstâncias, a grande maioria dos relatos de viagem do século XVIII ficaram imbuídos de certas características, fruto da influência deste contexto histórico, características estas que também perduraram nos relatos dos viajantes do século XIX. A publicação de *O sistema da natureza*, de Linné, proporcionou aos naturalistas uma maneira de catalogar todas as espécies de plantas existentes, o que os incentivou a empreender esta tarefa classificatória de fato. E este estímulo não abrangia apenas as plantas existentes na Europa, pois estas já eram em sua maioria conhecidas, mas abrangia principalmente todas as espécies ainda desconhecidas dos europeus, que se encontravam nas terras ainda inexploradas.

Sendo assim, em nome do propósito de organizar e listar da melhor maneira possível tudo que a natureza poderia oferecer ao homem, muitos naturalistas embarcaram rumo a estes novos continentes em busca de diferentes elementos não só de flora, mas também de fauna, a procura de novas paisagens, novos rios, novos minérios. Enfim, era preciso saber tudo o que existia em nosso planeta.

Mary Louise Pratt faz os seguintes comentários sobre *O sistema da natureza* e sua influência sobre as circunstâncias da época: “Encontrava-se aí uma criação extraordinária que teria profundo e duradouro impacto não apenas sobre as viagens e os relatos de viagem, mas na maneira mais geral dos cidadãos europeus construir e compreenderem seu lugar no planeta.” (Pratt 1999: 55) A obra de Linné também foi muito elogiada pela praticidade e eficácia de sua proposta e foi considerada uma novidade na época.

Destas viagens feitas pelos naturalistas resultou uma corrente científica dos relatos de viagem. Esta espécie de relato tinha como principais características o constante aparecimento de listas e descrições longas e detalhadas não só de elementos de flora, mas também de fauna, descrições sobre o solo e recursos minerais das regiões visitadas, bem como longas passagens sobre a hidrografia e a agricultura dos lugares por onde estes viajantes naturalistas passavam (Cf. Pratt e Süsserkind).

A descrição da paisagem ficava em primeiro plano e havia uma preocupação em descrevê-la da maneira mais fiel e detalhada possível, já que naquela época não havia ainda máquinas fotográficas para ser possível registrar-se uma noção exata dos lugares visitados. O máximo de que os viajantes dispunham eram de desenhistas que lhes desenhavam a paisagem, isto quando eles mesmos não o faziam.

No ensaio *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*, a pesquisadora Flora Süssekind também menciona o “impulso classificatório” que movia estes viajantes naturalistas, que a tudo queriam coletar e tudo queriam apreender. E deste objetivo de tudo quererem registrar surgiam nos relatos da corrente científica as descrições exaustivas a respeito das quais Süssekind comenta:

Como se, não bastando o simples registro de uma vista, fosse necessário delinear com nitidez ainda alguma árvore, espécie vegetal de pequeno porte, algum homem em atividade característica ou apenas passando. Como se uma prancha devesse cumprir papel de várias. Como se numa estampa se devesse dar conta de uma multiplicidade de espécies existentes ou atividades possíveis naquele exato local. (Süssekind 1990: 118)

Süssekind também caracteriza este viajante cientista como um observador atento que necessita sempre de novos objetos para observar. Este cientista possuía um “olhar armado”, que estava sempre atento a todos os detalhes que pudessem ser descritos para uso da ciência:

Daí as expedições. E cada vez a regiões mais longínquas, que, mesmo sob as condições mais adversas ou entediantes, são observadas atentamente. Mas sempre como objetos de estudo, não de estímulo à auto-reflexão ou ao êxtase. (Süssekind 1990: 109)

Além de serem extremamente descritivas, estas narrativas de viagem também eram, em quase todos os momentos, um tanto impessoais. Mary Louise Pratt afirma que “nos escritores posteriores de viagens científicas, o sensacionalismo e a escravidão virtualmente desaparecem, como desaparece a maior parte dos dramas sociais de qualquer espécie.” (Pratt 1999: 94) Juntamente com a questão da impessoalidade, a autora também aponta para a solidão destes relatos, nos quais há um apagamento da presença humana, dada a importância da atividade de, por exemplo, descrever detalhadamente elementos de flora e fauna:

Várias páginas de tais benignos registros são suficientes para novamente sugerir a imagem do naturalista como Adão sozinho em seu jardim. Onde, poder-se-ia perguntar, estão todos? A paisagem é descrita como inabitada, devoluta, sem história, desocupada até mesmo pelos próprios viajantes. A atividade de descrever a geografia e identificar flora e fauna estrutura uma narrativa a-social na qual a presença humana (...) é absolutamente marginal (...). (Pratt 1999: 99)

Este tipo de narrativa era um tanto solitária, pois os viajantes inspirados por Carl Linné dão ênfase à paisagem em seus textos, apagando a presença humana dos lugares visitados. Apagar a presença humana não significava apenas não escrever sobre os habitantes dos lugares explorados, mais do que isso, significava apagar a presença

do próprio narrador, que falava apenas eventualmente dele mesmo e das sensações e emoções que poderiam decorrer de suas experiências. Sússekind também tece comentários sobre esta impessoalidade do viajante naturalista:

(...) é um narrador que pouco se define quem costuma relatar tais expedições. Sabe-se de antemão o seu papel no grupo itinerante, mas é como uma espécie de voz impessoal e sempre em movimento que costuma se apresentar ao leitor. (...) O “eu” que narra quase se apaga e o narrador passa a se figurar, ora num plural impessoal – “Nós estrangeiros” - , ora numa imagem genérica, atemporal, a que se chama apenas de “o viajante”. (Sússekind 1990: 111)

Nestes comentários da autora também podemos notar sua posição a respeito do fato de os relatos da corrente científica quase não tratarem das emoções e sensações dos viajantes com relação aos ambientes pelos quais passavam. O que importa aqui é o registro de tudo quanto era visto e coletado, e não daquilo que o narrador sentia ou pensava naquele momento.

O cientificismo de Auguste de Saint-Hilaire

Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais é apenas um dos vários diários de viagem de Auguste de Saint-Hilaire. O título deste livro pode ser um tanto enganoso porque na verdade o autor fala do Rio de Janeiro apenas nas primeiras páginas deste, pois logo depois partiu para sua jornada no interior de Minas Gerais e a partir de então não volta mais ao Rio de Janeiro, não nesta parte de suas viagens.

Neste diário o autor descreve sua passagem pelo interior da província de Minas Gerais, onde teve o cuidado de recolher não somente elementos de flora e fauna, mas tudo o que concernia ao Brasil, sua administração civil e judiciária, os usos e costumes, informações sobre estatística e geografia, agricultura, mineração e até o comércio.

Saint-Hilaire narra sua passagem por diversas localidades, dentre elas Vila Rica, Mariana, os confins do Sertão, no meio das caatingas, as margens do rio Jequitinhonha e do rio São Francisco, só para citar alguns exemplos. O diário foi escrito *in loco*, apesar de o livro propriamente dito ter sido redigido só depois, quando Saint-Hilaire já estava de volta à França.

Ao longo das mais de trezentas páginas da narrativa se pode encontrar diversas passagens que tornam possível incluir este relato na corrente científica dos relatos de viagem dos séculos XVIII e XIX. Já na dedicatória ao duque de Luxemburgo, que precede o diário, o narrador explicita o objetivo de sua expedição. Ele abre o diário comunicando ao duque e também aos leitores que a principal intenção de sua viagem é a de servir à ciência (Saint-Hilaire 2000).

É possível encontrar ao longo de todo o diário de Saint-Hilaire longas e exaustivas descrições características do “olhar armado” daquele que viaja a serviço da ciência, pois ele toma o cuidado de registrar muitas informações, desde conteúdos científicos propriamente ditos como plantas, animais e minérios, só para citar alguns

exemplos, e de até mesmo dar ao leitor uma explicação detalhada do sistema administrativo e judiciário da província visitada. Isto reflete o impulso classificatório do narrador, dado que estas longas descrições não deixam de ser uma tentativa de “organizar o caos do mundo”.

E estas longas passagens descritivas aliadas ao impulso classificatório de Saint-Hilaire muitas vezes resultam em longas listas presentes ao longo da narrativa, listas estas que não eram apenas de plantas ou animais, mas relacionadas a outros âmbitos, como termos da língua da tribo indígena denominada “Machaculis”:

Deus; *Tupã* – Cabeça; *imtonhom* (*im*, nessa palavra, como nas demais dos malalis, *monochós* e *macunis* que citei alhures, tem a pronúncia portuguesa: é o nosso *i* simples pronunciado com o nariz. – Olhos; *ingué*. – Nariz; *nitsicoe*. – Boca; *nhicoi*. – Dentes; *tsooi*. – Cabelos; *imde* (...). (Saint-Hilaire 2000: 274)

No afã de listar e organizar todas as informações, este é apenas um exemplo destas longas listagens apresentadas na obra em questão. O narrador ainda faz longas e detalhadas descrições sobre vários outros aspectos que sequer chegavam a entrar no âmbito científico propriamente dito. Há longas passagens sobre os costumes das tribos indígenas e um capítulo inteiro do diário (capítulo XV da primeira parte) dedicado apenas a descrever aspectos judiciários e administrativos de nosso país. O capítulo intitulado *A ordem judiciária e administrativa no Brasil, em geral, e, em particular, na província de Minas Gerais. As milícias e o regimento das Minas*, já começa com uma passagem que mostra a preocupação do autor em dar conta de tudo aquilo que vê e aprende:

Quando deixei Vila do Príncipe havia já quatro meses que estava em Minas; convivi com homens ilustrados, e obtivera informações acerca da administração do país. Obrigado continuamente a indicar, no decurso desta narrativa, o nome das diferentes magistraturas, creio não dever protelar mais a tarefa de dar a conhecer a organização judiciária e administrativa da Província de Minas Gerais. (Saint-Hilaire 2000: 153)

Todavia, como nos outros cientistas da época, o que realmente predominava nos relatos de Saint-Hilaire eram os exaustivos trechos sobre assuntos do âmbito natural, isto é, flora, fauna, hidrografia, mineração, etc. Este viajante se esmera em dar conta da maneira mais detalhada e exata possível de tudo aquilo que vê durante sua jornada, e isto inclui desde a localização exata dos lugares por onde passa, como quando da sua chegada à província de Minas Gerais:

A Província de Minas Gerais está situada entre os 13° e 23° 27' lat. S., e entre os 328° e 336° longitude. É limitada ao norte pelas províncias de Pernambuco e Bahia; ao levante pela do Espírito Santo; ao sul pelas do Rio de Janeiro e São Paulo, e, enfim, ao ocidente, pela de Goiás. (Saint-Hilaire 2000: 46)

Após estas informações o autor ainda faz um relatório minucioso de quais rios fazem as referidas fronteiras nas províncias citadas. Além da localização propriamente dita o narrador também relata vários outros aspectos geográficos dos lugares visitados. Logo que ele chega ao Rio de Janeiro, toma caminho para o interior e comenta sobre a topografia do lugar por onde passa. Faz comentários sobre o que hoje chamamos de “Serra do Mar”:

Os montes em cujo sopé então nos encontrávamos fazem parte da imensa cadeia que, começando no norte do Brasil, se prolonga paralelamente ao mar, deixando pequeno intervalo entre ela e o litoral, atravessa as províncias do Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Santa Catarina, e, na entrada do Rio Grande de São Pedro descreve, em direção a oeste, uma larga curvatura para ir terminar nas Missões do Uruguai. (Saint-Hilaire 2000: 20)

Como todo naturalista da época, este autor procura registrar com detalhes a topografia e a hidrografia de nosso país. Quando da sua passagem pelo Rio São Francisco, ele faz um minucioso relatório. Na verdade, no diário, há um capítulo inteiro (capítulo XXXIII da segunda parte) dedicado apenas a este rio. O narrador já começa o capítulo informando o leitor qual a cascata que dá origem ao rio (Cachoeira da Casca d’Anta), o termo usado pelos botânicos para designar a árvore conhecida como casca d’anta, a localização desta cascata e as condições de navegação do rio:

O Rio S. Francisco deve sua origem à magnífica cascata denominada Cachoeira da Casca d’Anta (a árvore conhecida pelo nome de casca d’anta é o *Drymis granatensis* dos botânicos), que se despenha por cerca dos 20° 40’, da Serra da Canastra, montanha situada na parte oriental da comarca do Rio das Mortes. Enquanto rega a Província de Minas, recebe em seu leito grande número de afluentes, dos quais vários são em parte navegáveis. (Saint-Hilaire 2000: 337)

Dada a influência dos estudos de Carl Linné, as descrições e listagens de espécies vegetais são abundantes na obra de Saint-Hilaire. Ele afirma que é preciso registrar todas as plantas existentes antes que elas desapareçam e não se tenha mais notícias destas espécies. Com o progresso e expansão de toda a humanidade, a ocupação das novas terras pelo homem tenderia a causar o desaparecimento de diversas espécies de plantas. E quanto a matas virgens o autor afirma:

É importante observar em que consiste essa vegetação tão brilhante e variada antes que seja destruída; por isso freqüentemente entrei, a respeito, em minúcias que, se não são atualmente desprovidas de interesse, se tornarão muito mais interessantes ainda, quando se tiver de considerá-las como pertencendo unicamente à história de nosso globo e à da geografia botânica. (Saint-Hilaire 2000: 231)

Em alguns trechos se pode notar a influência direta dos trabalhos e esforços classificatórios de Carl Linné, dada a presença dos termos em Latim para nomear as plantas, bem como termos criados pelo próprio Linné, (quando aparece, logo após o termo em Latim a letra "L"). Ainda nas imediações da cidade do Rio de Janeiro, Saint-Hilaire registra algumas plantas e usa termos latinos tais como "caesalpina", "cássia" e "cecropia" para classificá-las (Saint-Hilaire 2000: 20)

Quando da sua estada nas proximidades da cidade de Mariana, Saint-Hilaire também registra algumas plantas que encontra, não apenas usando termos latinos, mas também indicando com a letra "L" que o termo utilizado foi criado pelo próprio Linné: "Tornamos a ver perto dessa cidade as *Cecropia* (vulgarmente imbaúba), que não avistávamos desde Juiz de Fora, e o gervão (*Verbena jamaicensis*, L.), que não me lembro de ter encontrado nos arredores de Vila Rica." (Saint-Hilaire 2000: 80)

Todavia, além das listas para classificar a flora, havia também da parte do narrador um esforço para registrar os frutos destas plantas, como neste trecho do diário em que ele fala sobre as variedades de laranjas encontradas aqui no Brasil, descrevendo as especificidades de cada uma de acordo com a região em que são encontradas, as tangerinas, que é ainda um outro tipo de laranja, e finalmente a variedade mais comum que pode ser encontrada em todas as regiões do país:

Cultivavam-se no Brasil várias variedades de laranjas. Não existe, talvez, no mundo, fruto mais delicioso do que as seletas do Rio de Janeiro, que tem casca lisa e grossa, e se perpetuam por enxertos. Podem citar-se ainda as embigudas (ou de umbigo) da Bahia, cuja extremidade descascada deixa ver os diversos gomos. As tangerinas pequenas e grandes; espécies de casca fina e polpa avermelhada, merecem também ser mencionadas. (Saint-Hilaire 2000: 298)

Complementarmente com a classificação e listagem de plantas, árvores e seus frutos, o olhar atento do naturalista também registrava os sistemas agrícolas utilizados para o cultivo de muitas destas plantas que ele coletava e descrevia. No que concerne ao cultivo da planta que dá o trigo o narrador registra:

Como, indubitavelmente, ela não se daria bem com o excessivo calor e as chuvas tão abundantes dos meses de dezembro, janeiro e fevereiro, semeiam-na em abril, para fazer a colheita em setembro e outubro. É claro, além disso, que nem todos os terrenos lhes podem convir, e que, durante a estação seca, não se desenvolve bem nas regiões descobertas e naturalmente secas. (Saint-Hilaire 2000: 167)

Como reflexo do "impulso classificatório" dos naturalistas, também se encontra na obra em questão vários exemplos de descrição da fauna de nosso país. Neste trecho o narrador descreve com riqueza de detalhes um grupo de rãs que encontrou pelo caminho, registrando dados como cor, tamanho, o formato da cabeça, olhos, pescoço e o resto do corpo:

Aproximadamente no alto da montanha minha atenção foi atraída por um coaxado grave e repetido com intervalos. Desci do animal, e, aproximando-me de um alagadiço, vi sobre as ervas de que estava coberto uma multidão de pequenas rãs de um amarelo dourado. (...) Podiam ter cerca de duas polegadas de comprimento; a cabeça era alongada em forma de focinho, os olhos esbugalhavam-se de modo notável; tinham o pescoço curto, o dorso entumecido, e o corpo muito estreitado imediatamente acima das coxas. (Saint-Hilaire 2000: 24)

Além de registrar a fauna propriamente dita, Saint-Hilaire registra os métodos de pecuária utilizados por aqui, provendo passagens detalhadas sobre a criação de cavalos e de gado. E sobre esta última o narrador afirma que durante uma parte do ano os vaqueiros só vão de tempos em tempos aos pastos, apenas para verificar se não falta alguma rês, ou se há doentes ou feridas. Eles só comparecem com mais frequência às pastagens quando as vacas têm crias, pois é preciso cuidar dos bezerros. Saint-Hilaire comenta que neste período:

(...) os cuidados dos vaqueiros tornam-se mais necessários, e então vistoriam diariamente o rebanho. Logo que nascem, os bezerros são levados à fazenda, amarrados a moirões em grandes recintos chamados currais, e põe-se erva diante deles. Todas as tardes as vacas vêm espontaneamente à fazenda para dar de mamar a seus filhos; desamarram-se estes, quando já mamaram, e prendem-se as vacas por sua vez. Os bezerros, embora livres, afastam-se pouco, e, no dia seguinte, são agarrados sem dificuldade e novamente amarrados; dá-se então liberdade às vacas, mas não é senão depois de ordenhá-las, reservando uma teta para o bezerro, que, desse modo, mama duas vezes por dia. (Saint-Hilaire 2000: 314)

Ainda com o propósito de registrar a maior quantidade de informação possível, nem as doenças das regiões visitadas escapavam ao olhar atento de Saint-Hilaire. Ele registra em seu diário não apenas as moléstias propriamente ditas, mas também os meios que os brasileiros utilizavam para se curarem destas moléstias, seus sintomas e as possíveis causas. Quando da sua passagem pelo Sertão, o narrador faz inclusive uma descrição sobre a lepra:

(...) uma outra doença de pele, porém, que chamam lepra, não é aí rara. Não produz protuberâncias como a morféia; forma, porém, sobre todo o corpo uma crosta que muito prejudica os movimentos, cai às vezes, mas reaparece em seguida. Os que estão atacados de lepra exprimem uma fome quase contínua. Essa moléstia, com a qual se vive muitas vezes longos anos, mas da qual não é raro curar-se, é atribuída aos frutos quentes que os habitantes pobres comem em excesso (...). (Saint-Hilaire 2000: 332)

Em se tratando de Minas Gerais, este naturalista estava a visitar uma região de intensas atividades de mineração, o que o leva a fornecer a seus leitores trechos minuciosos dando conta deste tipo de atividade. Afinal de contas, um dos principais interesses dos europeus nas novas terras descobertas, especialmente em nosso país, eram as suas riquezas naturais. Portanto, não era de se espantar que um naturalista quisesse relatar as riquezas minerais destes lugares. Quando da sua estada na localidade de Minas Novas, em Minas Gerais, Saint-Hilaire afirma:

O ouro de Minas Novas, e, em particular, o do Rio de Araçuaí, é de cor belíssima, e geralmente, do título de vinte e quatro quilates. Extraíram-se, por conta do Rei, muitos diamantes da terra de S. Antônio de Itacambirucu, chamada vulgarmente Serra Diamantina, e pensa-se que esta mina ainda não está esgotada. Os pequenos rios de Calhão, Piauí, Três Americanas e Itinga ou Utinga fornecem águas-marinhas de verde nascente ou azulado, crisólitas, topázios brancos e de algumas outras cores, granadas, turmalinas vermelhas e verdes (...). (Saint-Hilaire 2000: 194)

Estes trechos descritivos do diário de Saint-Hilaire, sejam sobre assuntos do âmbito da História Natural ou não, são bons exemplos para confirmar algumas características dos relatos de viagem da corrente científica apontadas pelas pesquisadoras Flora Süssekind e Mary Louise Pratt: o "olhar armado" do cientista; listas de elementos científicos como flora, fauna, hidrografia e pecuária, por exemplo; longas descrições, inclusive de assuntos não científicos, como termos da língua indígena e sistema judiciário e administrativo do país; bem como os termos latinos que denotam a influência direta de Linné.

Outra característica desta corrente da Literatura de Viagem que se pode depreender destas passagens do relato em questão é o lugar que a paisagem ocupa na narrativa. Esta fica sempre em primeiro plano, o narrador sempre dá ênfase à descrição de rios, montanhas, árvores, animais, atividades de agricultura e pecuária desenvolvidas nos lugares por onde passa, apagando a presença humana destes lugares. Estando a paisagem predominantemente em primeiro plano, pode-se captar mais uma característica desta espécie de relato, que é a impessoalidade. Encontra-se muito pouca presença humana ao longo da narrativa. O viajante não só fala pouco das pessoas que o rodeiam e das que encontra ao longo de sua jornada, como também fala muito pouco de si próprio. É muito raro encontrar a descrição de sensações ou emoções da parte do viajante ou de outras pessoas no texto, este costuma ser sem emoção e sentimento.

É até possível se encontrar alguma passagem que fale sobre sentimentos, mas isto é raro, e mesmo nos poucos trechos que tratam disto, se fala apenas "sobre", mas não "com" sentimento. Em um dado momento o narrador chega a falar de amor materno quando trata de uma gambá e seus filhotes, mas a narrativa segue com um tom frio e impessoal, mesmo assim. Quando o leitor pensa que Saint-Hilaire vai falar deste tipo de amor, ele apenas o menciona, e não demonstra absolutamente nenhum

sentimento de piedade pelos filhotes, que são atirados fora por não se poder aproveitá-los. Ele apenas narra friamente à maneira como os bichos foram utilizados e nada mais:

Trouxeram-me uma manhã um sarigüê fêmea (gambá) que tinham morto com um tiro de espingarda. Seus oito filhos, que não tinham sofrido ferimento algum, continuaram durante todo o resto do dia presos às mamas da mãe; arranquei-os delas no dia seguinte, mas tornaram imediatamente a pegá-las. No terceiro dia, ainda estavam todos vivos, com exceção de um único; os outros separados da mãe pela segunda vez e arremessados pela janela, só morreram ao cabo de algumas horas; enfim, a vida é de tal modo tenaz nessa espécie que uma das crias, a quem um dos empregados abria a pele do ventre em todo o comprimento, sobreviveu bastante tempo a esta cruel operação. Estamos habituados a ver no gambá, um símbolo interessante de amor materno; mas não nos devemos admirar de que os brasileiros tenham tão pouca piedade por esses animais: não só a sarigüê tem formas desagradáveis e desprende mau cheiro, como os criadores a consideram um flagelo, porque, embora muito menor que a raposa, não faz, entretanto, inferiores estragos nos galinheiros. (Saint-Hilaire 2000: 34)

Esta aridez da narrativa também pode ser percebida quando o narrador trata da escravidão. Esta era uma constante nos relatos de viagem desta época, todos os viajantes que vinham para o Brasil, fossem eles naturalistas ou não, comentavam sobre este meio de trabalho. Saint-Hilaire também o faz, mas de maneira um tanto impessoal, que não deixava de ser humanista, mas que era em geral mais objetiva do que nos relatos de viagem mais subjetivos. Após relatar uma conversa que teve com alguns escravos, ele lamenta o estado de guerra que se introduziu na África em função do tráfico de escravos, e como a vida para os negros ficou ruim em sua própria terra, alguns escravos até lhe dizem que estão bem vivendo aqui no Brasil. E sobre isto o narrador ainda comenta:

Seja como for, o que disse acima mostra que, no estado atual das coisas, devemos, para ser justos, fazer concessões aos partidários da escravidão. O negro que cai nas mãos de um senhor bom e sinceramente cristão é, devemos confessá-lo, mais feliz do que a maioria dos camponeses de certas províncias da França; trabalha muito menos; não tem as mesmas inquietações; a fome e a miséria não o ameaçam constantemente; vivendo num clima quente, tem poucas necessidades, e aquilo de que carece seu senhor lhe dá; se lançar um olhar para o passado reconhecerá que o presente é melhor, e o dia seguinte, se pensar nele, lhe trará as mesmas comodidades de que já goza. Mas não é menos verdade que o escravo corre maiores perigos de miséria do que de felicidade, porque os senhores desumanos são mais numerosos que os bons, e é horrível pensar que uma criatura que sente e pensa se acha durante todos os

momentos da sua vida à inteira disposição de um perverso, sem esperanças de jamais se subtrair a sua tirania e caprichos. O interesse do senhor, já se repetiu muitas vezes, é garantia suficiente em favor do escravo: como se as paixões conhecessem outro interesse além do de satisfazê-las! (Saint-Hilaire 2000: 54)

Analisando esta passagem se pode notar um tom mais objetivo, mas ainda humanista da parte do narrador. Isto é, ele vê muito mais o lado prático da escravidão e como esta pode servir aos negros ao lhes dar a oportunidade de terem uma vida melhor no Brasil do que a que levavam na África, ao invés de teorizar sobre idéias de direitos humanos e os ideais de liberdade da Revolução Francesa, ou de amor à pátria natal, etc. Saint-Hilaire não entra nestes pormenores mais subjetivos.

Com sua visão de cientista, assim como ele quer registrar tudo aquilo que pode servir à ciência, ele também procura registrar o aspecto útil de outras coisas que não plantas, animais ou minérios, por exemplo. O que acaba mais uma vez mostrando o tom impessoal que estes relatos de viagem possuíam, pois o narrador mais uma vez não inclui na narrativa seus sentimentos. Ele dá um relatório detalhado daquilo que veio, a saber, e toma uma posição um tanto objetiva ante um assunto que é geralmente considerado triste e tocante.

Conclusão

Este trabalho procurou mostrar uma das correntes de narrativas de viagem nas quais há maneiras específicas de lidar com as novas informações que são captadas na jornada. Nas crônicas da corrente científica, a informação se torna importante apenas quando serve a algum propósito útil, especialmente se puder servir à ciência: "Na narrativa científica (...) a informação é relevante (tem valor) na medida em que se liga a metas e sistemas de conhecimento institucionalizados externos ao texto." (Pratt 1999: 141)

Assim como Mary Louise Pratt, Flora Süssekind também conclui que havia uma maneira peculiar de lidar com a informação nos relatos científicos, pois para os naturalistas a informação era importante a partir do momento em que podia contribuir para se "organizar" o conhecimento já existente. Sendo assim, isso explica porque Saint-Hilaire dá prioridade a longas descrições de elementos da natureza e relatórios detalhados de tudo aquilo que vê e aprende.

Referências Bibliográficas:

- BOLLE, Willi. *Fisiognomia da metrópole moderna*. São Paulo: EDUSP, 2000.
GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil*. São Paulo: Itatiaia, 1990.
PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru: EDUSC, 1999.
SAINT-HILAIRE, August. *Viagem Pelas Províncias Do Rio De Janeiro E Minas Gerais*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.

SÜSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.
ZIEBELL, Zinka. *Terra de Canibais*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2002.

Recebido em 6/11/2008; aprovado em 3/09/2009.